

**PROPOSTAS DE PRÁTICAS AVALIATIVAS
DOS EDUCADORES DO CEJLL/NAVE**

André Luís Gomes (CEJLL/NAVE/)

andreluisgomes.nave@gmail.com

Aurea Maria Moreira Romero (CEJLL/NAVE)

amoreiraromero@gmail.com

Elisabeth Henriques Cesar (CEJLL/NAVE)

beth.hc@oi.com.br

Renata da Silva de Barcellos (CEJLL/NAVE/UNICARIOCA)

osbarcellos@ig.com.br

O que pretendo introduzir neste texto é a perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando ideias, reorganizando-as. (HOFFMANN, 1991, p. 67)

RESUMO

O trabalho consiste em apresentar uma reflexão acerca do processo avaliativo e apresentar práticas avaliativas inovadoras propostas em uma escola tecnológica da Rede Estadual do Rio de Janeiro, Colégio Estadual José Leite Lopes – NAVE. Esta instituição oferece um ensino médio integral e integrado à educação profissional numa parceria da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro com o Instituto OI Futuro. Em um mundo onde o fluxo de informações é intenso e em permanente mudança, a nova era oferece múltiplas possibilidades de construção de conhecimento. Desse modo, sugerimos que a avaliação seja ressignificada nos novos paradigmas que a sociedade e o mercado de trabalho exigem. A metodologia adotada é com base na análise das demandas dos nativos digitais, do ENEM, dos vestibulares; das orientações educacionais como PCN (2002), teoria de Vygotsky (1994) e de Perrenoud (1999); e na perspectiva dialógica da linguagem e do gênero do discurso de Bakhtin (1997). Para isso, ao longo do artigo, proporemos uma categoria de tipos de avaliação para classificar os educadores (a partir de seu entendimento sobre avaliação) e suas práticas e descreveremos algumas delas.

Palavras-chave: Práticas avaliativas. Tecnologia. Construção do conhecimento.

1. Introdução

Os educadores se veem imersos cada vez mais em inúmeros desafios desde como motivar os educandos até o uso da tecnologia. De que

maneira podemos ter êxito nessas diversas angústias? Construir os conhecimentos das diferentes áreas do saber (no caso desta instituição, núcleo comum e técnico) é um ofício árduo. Ainda mais em uma instituição cujo ensino é integral e integrado com base na educação interdimensional⁸⁷

Assim, ao docente é importante assumir em sua prática avaliativa

[...] à análise qualitativa da aprendizagem do educando e de toda a prática escolar significa muito mais do que abandonar algumas técnicas e instrumentos de avaliação e rever o sistema de notas e conceitos, pois implica redefinir, numa dimensão teórico-prática, pressupostos que irão nortear um fazer pedagógico significativo, no qual o conhecimento não seja visto como algo a ser adquirido, nem como algo independente dos sujeitos, das relações entre eles nem da relação que estes estabelecem com o próprio conhecimento e com a cultura. (LUI, 2003, p. 35-36).

As mudanças oriundas da inserção tecnológica na atualidade exigem que os educadores das diversas áreas do saber repensem e redefinam suas práticas pedagógicas com vista à busca de novos sentidos e de novas metodologias para a construção do conhecimento e, conseqüentemente para a sua avaliação. Vivemos em um mundo contemporâneo onde os desafios são fundamentais para a reconstrução do entendimento da sala de aula e de processos de avaliação. Neste sentido, a temática da avaliação permanece mais do que nunca nos debates dos meios acadêmicos e da sociedade em geral.

Nesta NAVE, novas experiências devem ser propostas para que práticas inovadoras decole pela rede estadual (atendendo ao propósito institucional). Sendo assim, o educador não é mais aquele que tem a sua frente educandos mudos, e que detém todo o conhecimento para transmitir o saber estabelecido. Hoje, ele é um orientador para um educando-pesquisador, que formata seu próprio saber.

Uma postura reflexiva se faz necessária na relação entre esses interagentes para definir o que será construído em sala de aula. Segundo a

⁸⁷ Educação interdimensional é a proposta pedagógica que procura articular os fins e os meios da ação educativa, visando tornar real esta expectativa com base numa visão do homem, do mundo e do conhecimento consistente com as exigências dos novos tempos. O relatório nos fala da necessidade de uma educação pluridimensional e assim fundamenta sua necessidade: Contesta-se a pertinência dos sistemas educativos criados ao longo dos anos – tanto formais como informais – e a sua capacidade de adaptação é posta em causa. Estes sistemas, apesar do extraordinário desenvolvimento da escolarização mostraram-se, por natureza, pouco flexíveis e estão à mercê do erro de antecipação, sobretudo quando se trata de preparar competências para o futuro". Disponível em: "http://www.modusfaciendi.com.br/midia_entrevista.htm".

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, o docente será mediador:

Art. 35 –

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

Art. 36-

§ 3º a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores. Os cursos do ensino médio terão equivalência legal e habilitarão ao prosseguimento de estudos.

Ao educador é preponderante exercer uma figura mediadora, de extrema relevância no sentido de fazer ensino e avaliação que permite a preparação de cidadãos críticos e participativos.

Partindo do pressuposto da educação integral, a avaliação, necessariamente, deixa de ser algo pontual, no fim do processo, para se tornar contínua. Dessa forma, é possível conhecer melhor as competências e habilidades de cada indivíduo, regular a forma do conteúdo em função das necessidades, verificar o desenvolvimento individual.

As práticas avaliativas devem servir como suporte para que os educadores e educandos reforcem ou ajustem as estratégias adotadas na construção do conhecimento. Como o objetivo principal é investigar novas práticas avaliativas condizentes com o jovem do mundo contemporâneo e o uso de novas tecnologias, a proposta é replicar os resultados obtidos para toda a rede pública estadual do Rio de Janeiro, tomando como objetivos específicos:

- Realizar pesquisa bibliográfica acerca de práticas avaliativas;
- Fazer um levantamento e sistematizar o conjunto de práticas aplicadas pelos educadores do CEJLL/NAVE;
- Conhecer o modo como os educadores avaliam seus educandos pelos educadores no CEJLL/NAVE;
- Identificar os possíveis recursos usados no momento de avaliar;
- Apresentar as práticas avaliativas realizadas no CEJLL/NAVE através da criação de um infográfico comparativo

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Este trabalho de pesquisa enquadra-se no âmbito de um dos times de pesquisa dos educadores do núcleo comum e técnico Colégio Estadual José Leite Lopes/NAVE-RJ, situado na Rua Uruguai, 204, Tijuca – RJ. Faz-se necessário ressaltar que a instituição é integral e profissionalizante cuja fundamentação teórica é de um ensino interdimensional. A proposta do governo do Estado atende a atual necessidade do mercado de trabalho: formar jovens capazes de exercerem a cidadania e ingressarem no mercado de trabalho de forma qualificada. Os cursos técnicos oferecidos são: “Roteiro para novas mídias”, “Multimídia” e “Programação de jogos”. De acordo com Paro (1998), o que se pretende através da educação escolar é que se concorra para a emancipação do indivíduo, enquanto cidadão ativo na sociedade.

No que concerne à avaliação, a trajetória de suas funções ao longo da história mostra que o processo não segue padrões rígidos. São determinadas por dimensões pedagógicas, históricas, sociais, econômicas e até mesmo políticas, diretamente relacionadas ao contexto em que se insere. (BATISTA, GURGEL, SOARES, 2006, p. 3)

Epistemologicamente, avaliar vem do latim *a + valere* que significa atribuir valor e mérito ao objeto em estudo. Algumas definições a respeito da avaliação são elucidadas por Sant’Anna (1995):

Avaliação educativa é um processo complexo, que começa com a formulação de objetivos e requer a elaboração de meios para obter evidência de resultados, interpretação dos resultados para saber em que medida foram os objetivos alcançados e formulação de um juízo de valor. (SARABI, 1971 *apud* SANT’ANNA, 1995, p. 28)

Esteban (2000) realça essa importância da avaliação como “parte de um processo mais amplo de discussão do fracasso escolar, dos mecanismos que o constituem e possibilidades de reversão desse quadro com a construção do sucesso escolar de todas as crianças...” (ESTEBAN, 2000, p. 8). Por isso, a autora citada defende que há a necessidade de se criar “uma nova cultura sobre a avaliação, que ultrapasse os limites da técnica e incorpore em sua dinâmica a dimensão ética e de engendrar mecanismos de intervenção na dinâmica inclusão/exclusão social”. (*Idem, ibidem*)

Nesta perspectiva, propomo-nos investigar: as práticas avaliativas aplicadas no CEJLL/NAVE são inovadoras?

A educação não tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e

de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades, sem extirpar as mazelas da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria, afinal, gente deseducada para a vida. (SANTOS, 1998, p. 126)

2. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa. Os métodos de pesquisa quantitativa, de modo geral, são utilizados quando se quer medir opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes etc. de um universo (público-alvo) através de uma amostra que o represente de forma estatisticamente comprovada. Isso não quer dizer que ela não possa ter indicadores qualitativos. Desde que o estudo permita, isso sempre é possível.

O número de educandos retidos de 2012 a 2014 serão apresentados em um quadro com dados do total e outro com o total. Após ler as reflexões acerca do ato avaliativo e analisar as práticas avaliativas propostas, elaboramos uma classificação em 4 categorias, para os seguintes questionamentos:

- 1- O que você entende por avaliação? Que tipos de práticas são adotadas? Você costuma realizar algum tipo de avaliação integrada, no caso de participar de algum projeto integrado.
- 2- Para entrevistar os educandos, propomos as seguintes questões: o que te levou a retenção? Que práticas deveriam ser desenvolvidas para saná-la?

A metodologia consistiu na elaboração de calendário (primeiro semestre: levantamento da bibliografia e leitura e elaboração do questionário – análise do *corpus* – proposta de uma categoria para classificar os educadores pelas práticas realizadas). A partir dos resultados obtidos, catalogamos as práticas inovadoras apontadas pelos educandos como motivadoras.

3. Categorias avaliativas

De acordo com Luckesi, o processo avaliativo está relacionado ao contexto mundial educacional da época: "(...) não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mun-

do e, consequentemente de educação, que possa ser traduzido em prática pedagógica" (2002, p. 28).

O termo avaliação educacional foi adotado no contexto escolar com os trabalhos de Ralph Tyler, por volta de 1940 (citado por Vianna, 2000), quando este desenvolveu análises sobre uma nova concepção de aprendizagem. O autor considera a avaliação como um meio para se estabelecer comparações entre os resultados e os objetivos educacionais. Desse modo, a avaliação passa a ser vista como uma atividade prática.

Avaliação é inerente e imprescindível, durante todo processo educativo que se realize em um constante trabalho de ação-reflexão, porque educar é fazer ato de sujeito, é problematizar o mundo em que vivemos para superar as contradições, comprometendo-se com esse mundo para recriá-lo constantemente. (GADOTTI, 1984, p. 90)

Quanto à função da avaliação, na literatura da área da Educação, temos:

Avaliação diagnóstica é aquela que, ao se iniciar um curso ou um período letivo, dado à diversidade de saberes, o educador verifica o conhecimento prévio dos educandos. Tal prática tem por finalidade constatar os conhecimentos e habilidades imprescindíveis que os educandos já possuem para que, então, seja feito o planejamento para a preparação de novas aprendizagens.

“A avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe uma forma solta isolada. É condição de sua existência e articulação com uma concepção pedagógica progressista”. (LUCKESI, 2003, p. 82)

Avaliação formativa é aquela com a função controladora, sendo realizada durante todo o decorrer do período letivo com o intuito de verificar se os educandos estão atingindo os objetivos previstos. Esse tipo de avaliação se dá no processo de construção do conhecimento, ao longo do dia a dia vivido por educadores e educandos, tendo como base, tarefas contextualizadas. Logo, a avaliação formativa visa, basicamente, avaliar se o educando domina gradativamente e hierarquicamente cada etapa da aprendizagem, antes de prosseguir para uma outra etapa subsequente de ensino-aprendizagem.

Perrenoud (1999) afirma que a avaliação formativa possui como premissa se ocupar das aprendizagens e, consequentemente, do desenvolvimento do educando. É uma avaliação que atua no acompanhamento

das aprendizagens. Ainda de acordo com Perrenoud (1999), "a avaliação formativa ajuda o aluno a aprender". (p. 103).

Sua realização se desenvolve através da regulação das aprendizagens. Essa regulação só acontece se houver procedimentos que estimulem a participação dos envolvidos no processo, pois o foco desse tipo de avaliação se baseia nas aprendizagens significativas. É através da avaliação formativa que o aluno toma conhecimento dos seus erros e acertos e encontra estímulo para um estudo sistemático. Essa modalidade de avaliação é orientadora, porque orienta o estudo do educando ao trabalho do educador. É motivadora porque, além do acompanhamento diário, evita as tensões causadas pelas avaliações.

Avaliação mediadora é definida como uma relação dialógica na construção do conhecimento, isto é, propõe um modelo baseado no diálogo e aproximação do educador com o seu educando. Isso ocorre para que as práticas de ensino sejam repensadas e modificadas de acordo com a realidade sociocultural de seus educandos. Esse tipo de avaliação pretende se contrastar ao modelo do "transmitir-verificar-registrar" e se desenvolver, no sentido de uma prática avaliativa que permita a reflexão, favorecendo a troca de ideias, aumentando, desta forma, a interação entre o educador e o educando.

Nesta perspectiva de avaliação, o erro também é considerado como parte do processo da construção do conhecimento e não como algo passível de punição.

Avaliação somativa ocorre ao final de um processo educacional, que pode ser, por exemplo, bimestral, semestral, anual ou em ciclos. A proposta desta é realizar um balanço somatório de uma ou várias partes de um trabalho de formação. Seu principal objetivo é situar e classificar o educando, tendo a perspectiva de conclusão em evidência, pois se considera o final de um processo educacional. Esse tipo de avaliação nos oferece informações sintetizadas sobre o resultado do que pode ter sido assimilado pelos educandos. Serve para verificar, classificar, situar, informar e certificar o educando.

A partir dessas classificações e das especificidades nas práticas avaliativas dos educadores do CEJLL/NAVE, proporemos uma categoria⁸⁸:

⁸⁸ A partir da análise do *corpus*, a categoria foi elaborada e proposta pela educadora Renata da Silva de Barcellos.

TIME 1: TRADIMATIVOS (diagnóstico – somativo – formativo): navegantes entendem a proposta institucional de um ensino interdimensional. Mas não só a definição do termo “avaliação” é tradicional “medir” como também apenas consideram o cognitivo nos instrumentos avaliativos. O socioemotivo não é avaliado.

TIME 2: SEMIFORMATIVOS (diagnóstico – somativo – mediadora – formativo): educadores que apresentam uma prática oscilante entre o tradicional (meramente cognitivo) e o formativo. Não sabem bem como fazer – pôr em prática o que lê sobre o ensino interdimensional e os quatro pilares educacionais.

TIME 3: FORMATIVANDOS (diagnóstico – somativo – mediadora – formativo): educadores que apresentam práticas mais formativas e o entendimento do termo “avaliação” mais condizente com as atuais orientações. Entretanto, por causa das avaliações externas (ENEM – SAERJ – Primeira escolha...) e da cobrança de bom desempenho para atingir metas, muitos educadores não ousam desbravar novas formas avaliativas. Os tripulantes desta NAVE (ousamos prever até 2030) ainda se mantém assim entre o TRADICIONAL e o ATUAL modelo considerado pelos pedagogos condizentes com as orientações vigentes nas documentações (PCN, DCN...).

Você, leitor, deve estar se questionando: Por que esta previsão? Qual a fundamentação? Chegamos a esta probabilidade com base na formação oferecida aos recém-licenciados nos diversos cursos de licenciatura oferecidos no Brasil. Nas disciplinas pedagógicas, o educador lê os documentos e orientações vigentes, mas o como propor novas práticas para atender às demandas do mundo contemporâneo ainda são muito raros. Cabe ressaltar que o próprio modelo de aula recebido ao longo da graduação é RETRÓGRADO!!! A prática realizada é incoerente com o proposto. Assim, o educador acaba reproduzindo o modelo vivenciado e predominante ao longo da sua vida acadêmica. LAMENTÁVEL realidade educacional brasileira!!

TIME 4: INOVADORES (diagnóstico – somativo – mediadora – formativo): educadores com a visão mais a frente das novas orientações educacionais. Navegantes mais destemidos e desejosos de novos mares.

Constantemente, estão em busca de novidade para atingir um processo avaliativo eficaz. Aquele que, de fato, contempla as diversas formas avaliativas em prol não só das exigências do mercado de trabalho como também do ingresso na universidade.

4. Análise do corpus

Analisaremos a definição de avaliação de alguns educadores do núcleo comum do CEJLL/NAVE pelas áreas de conhecimento do ENEM e para não expô-los serão identificados como **EDUCADOR I – II ...** Depois, para os do técnico, como **TÉCNICO I – II...**

4.1. Linguagens, códigos e suas tecnologias

4.1.1. EDUCADOR I

Avaliação é uma parte do nosso trabalho muito importante que é o educador ter uma resposta, ter um *feedback* dos alunos pra que você reflita sobre o seu trabalho.

A avaliação é um diagnóstico para que o educador possa modificar metodologias pra que você possa reorganizar formas na qual irá apresentar seu conteúdo, conseqüentemente, você pode estar percebendo que num determinado bimestre, o nível da relação ensino-aprendizagem não ficou legal, muitas vezes, porque o educador não está passando de uma maneira correta e, então, ele poderá modificar a forma como irá conduzir as aulas, então, percebo a avaliação como uma ferramenta de retorno, de percepção do trabalho que está sendo executado e é de suma importância para refletirmos uma prática mais apropriada para melhorar os métodos de ensino-aprendizagem. Essa construção da passagem do conhecimento e vice-versa, porque aprendemos muito, também, durante esse processo de ensino.

Este educador apresenta também como a sua colega de área uma visão *formativa* do processo.

4.2. Ciências humanas e suas tecnologias

4.2.1. EDUCADOR II

A avaliação pode ser feita de varias formas. A avaliação da atitude do aluno é muito importante , ver como o aluno se comporta em sala de aula , com lida com os colegas, como desenvolve e participa dos trabalhos , como lida como os colegas são elementos importantes de avaliação e formação do educando. O atitudinal é muito importante . Nesse sentido não cabe somente uma forma de avaliar.

Educador preocupado em reconstruir a sua prática de avaliação. Ele compartilha os resultados com o educando, participa do processo de construção do conhecimento fazendo parte integrante dele. Seu objetivo é promovê-lo. Nessa perspectiva, a avaliação é entendida como fonte de informação e referência para a formulação de práticas educativas que levem à formação global de todos os envolvidos no processo escolar. O docente se enquadra na função **FORMATIVA**.

4.2.2. EDUCADOR III

“A avaliação é uma continuidade. O dia a dia da sala de aula, o contato com o texto, saber escrever, entender sobre tempo espaço , cronologia, fazem parte do processo avaliativo cotidiano do aluno”.

Educador preocupado em reconstruir a sua prática de avaliação. Ele compartilha os resultados com o educando, participa do processo de construção do conhecimento fazendo parte integrante dele. Seu objetivo é promover, de fato, a aprendizagem. Nessa perspectiva, a avaliação é entendida como fonte de informação e referência para a formulação de práticas educativas que levem à formação global de todos os envolvidos no processo escolar. A docente se enquadra na função **FORMATIVA**. Também se enquadra na função **SOMATIVA** quando trabalha e analisa as avaliações internas e externas. A este respeito Esteban faz considerações:

Avaliar o aluno deixa de significar fazer um julgamento sobre a sua aprendizagem, para servir como momento capaz de revelar o que o aluno já sabe os caminhos que percorreu para alcançar o conhecimento demonstrado, seu processo de construção do conhecimento, o que o aluno não sabe e o caminho que deve percorrer para vir, a saber, o que é potencialmente revelado em seu processo, suas possibilidades de avanço e suas necessidades para a superação, sempre transitória, do não saber, possa ocorrer. (2004, p.19)

4.3. Matemática e suas tecnologias

4.3.1. EDUCADOR IV

“Fazer com os alunos consigam aprender as informações que foram passadas e se conseguem aplicar o que depreenderam”.

Usa currículo Mínimo e tenta exercitar o cotidiano quando consegue material. Corrige com os alunos o Saerjinho, mas não usa o relatório do sistema. Acredita que atividades práticas são importantes para o processo de aprendizagem, mas não encontra espaço para isso, o que dificulta o rompimento da prática tradicional.

Este educador é o mais novato. A definição é limitadora. Ainda identificamos uma abordagem tradicional pelas escolhas lexicais “ consigam aprender as informações que foram passadas”. Como? “Informações passadas”? Contudo, cabe ressaltar na sua reflexão uma percepção diferente do grupo ao dizer “Acredita que atividades práticas são importantes para o processo de aprendizagem, mas não encontra espaço para isso, o que dificulta o rompimento da prática tradicional”.

Na verdade, ele desabafa e, assim, demonstra seu descontentamento com o cotidiano escolar. Em pouco tempo, já percebeu que a escola cuja filosofia é a interdimensional e se propõe a ser inovadora, na prática, há ainda ênfase no cognitivo, no desempenho dos educandos, principalmente, nas avaliações externas como SAERJ e ENEM. Isso significa que a avaliação mais utilizada é a *diagnóstica* e *somativa* pela equipe do núcleo comum.

4.3.2. EDUCADOR VI

“É verificar o cognitivo – assimilação dos conteúdos”. Faço uso do teste discursivo para analisar o desenvolvimento da questão”. “Integro com o técnico. Meu foco é no conteúdo específico do Currículo mínimo (CM)”. “O humano é analisado no conselho de classe”.

Ao analisar a resposta do educador mais antiga da instituição, verificamos que ainda a percepção é tradicional. Limitada ao cognitivo, a construção dos cálculos, do seu desenvolvimento. Mesmo ocorrendo integração com o técnico (no caso Programação), às vezes, sua parte se limita a orientar quanto ao conhecimento específico. Vale destacar também que, ao assumir o 3º ano, propõe um simulado, a fim de verificar o nível dos educandos na área do conhecimento. Sendo assim, neste mo-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

mento, a função da avaliação é a diagnóstica. Ao longo do processo, só é observado o cognitivo como constatamos no fragmento “ O humano é analisado no conselho de classe”. Esse posicionamento é incompatível com os preceitos educacionais da instituição: o interdimensional.

A prática deste educador se restringe à avaliação somativa, uma vez que se baseia

nos conteúdos e procedimentos de medida, como provas, teste objetivo, dissertações-argumentativas. Colabora para a avaliação somativa, tanto a avaliação diagnóstica quanto a avaliação formativa, que a avaliação da aprendizagem é um ciclo de intervenções pedagógicas de um mesmo processo (SOUZA)⁸⁹

4.3.3. EDUCADOR VII

Avaliação é “uma forma de apreciar as competências trabalhadas na sala de aula, ver o progresso que o aluno teve”. Essas competências estão relacionadas ao assunto da disciplina. A avaliação é uma prática extremamente necessária, porque, senão, o conteúdo fica muito solto. O tipo de público que nós estamos recebendo não conseguem lidar muito bem com uma certa liberdade. A gente dá a liberdade e eles talvez não saibam aproveitar. Por isso, é necessário que haja uma certa obrigatoriedade de avaliar para “puxá-los” para o professor”.

Este educador tem um discurso condizente com a função porque

integra processos avaliativos e processo ensino-aprendizagem, tendo caráter interativo. Sua principal função é a de regular e melhorar as aprendizagens dos alunos; é a de conseguir com que os alunos desenvolvam as suas competências de domínio cognitivo e metacognitivo.

Entretanto, a prática se limita a aplicação de dois testes e uma prova (a institucional: PI – prova integrada).⁹⁰

⁸⁹(<http://www.webartigos.com/artigos/avaliacao-diagnostica-formativa-e-Fomativa/40842/#ixzz3lVQW8l00>)

⁹⁰ (<http://www.pedagogia.com.br/artigos/avaliacaoformativa/index.php?pagina=2>)

4.4. Ciências da natureza e suas tecnologias

4.4.1. EDUCADOR VIII

“Método usado para aferir o conhecimento. Teste – trabalho em dupla. Tirei o atitudinal dado os problemas atuais. Diminui os trabalhos por causa da orientação da escola. No lugar, teste”.

Pelas práticas realizadas e da forma como são propostas, o educador utiliza a forma somativa.

4.4.2. EDUCADOR IX

“Cognitivo – teste misto. Destaco o fato de não ver o nome do aluno no processo de correção das avaliações. É a análise - diagnóstico – é somativa – formativa”.

Cabe destacar que foi o único educador a mencionar a tipologia. Ele se apropria das nomenclaturas e as utiliza de diferentes formas em prática pedagógica.

As próximas definições a serem apresentadas são da área técnica.

4.5. ÁREA TÉCNICA

Para não identificar os cursos técnicos e seus educadores, apresentaremos-nos como **Técnico I – II e III**.

4.5.1. TÉCNICO I

A avaliação é um processo que põe à prova a qualidade das interações que surgem do enfrentamento dos alunos com o conhecimento, com seus colegas e professores. E prova é um instrumento de mensuração. Não podemos confundir prova com avaliação.

Um aspecto importante refere-se ao “o quê” avaliar na escola. Eu digo que só podemos avaliar aquilo que foi ensinado. Como a proposta do NAVE é de uma educação interdimensional, considero necessário criar meios de avaliar o aprender a ser, o aprender a se relacionar, o aprender a produzir e o aprender a aprender, pois são dimensões bem distintas, assim como devem ser diferenciados os instrumentos para avaliar cada uma dessas instâncias. Isso significa que uma prova não é a melhor maneira para se avaliar conteúdos atitudinais, mas pode ser no caso da ava-

liação de conceitos e procedimentos.

O que considero mais importante é que a avaliação escolar só faz sentido se estiver a serviço do êxito de todos os alunos. Avaliar sob o mero pretexto de avaliar, não vale nessa perspectiva. Vale, sim, avaliar para conhecer e encontrar o que precisa ser melhor trabalhado e desenvolvido (tanto por parte do aluno quanto do professor). Avaliar é um processo de adicionar conhecimento e não de subtrair dificuldades de conhecer, relacionar-se e produzir.

O educador tem conhecimento das novas concepções de avaliação e da teoria norteadora da instituição. Sua reflexão está condizente com o que se almeja dos componentes desta NAVE de conhecimentos.

4.5.2. TÊC II

“Tentativa de averiguar o grau de compreensão do conteúdo abordado”.

Este educador também ainda apresenta uma definição (como a anterior) muito voltada para a visão tradicional cuja função seria a **somativa**.

4.5.3. TÊC. III

No que concerne aos educandos, penso que a avaliação seja um processo promovido pelo educador para auxiliar os educandos na sua autoavaliação, para que percebam eventuais lacunas no seu processo de aprendizagem. No que concerne ao educador, penso que o objetivo primeiro da avaliação seja prover fundamentos para ratificar escolhas, ou subsídios para eventuais mudanças de estratégias.

O educador apresenta um entendimento da temática de acordo com a visão da *formativa*. A construção do conhecimento é um processo. Devemos a todo o momento averiguar como os interagentes envolvidos estão desenvolvendo as diversas competências e habilidades. Cabe ressaltar que ele orienta toda a equipe para uma prática cotidiana com a participação dos educandos com base na leitura de Zabala.

4.5.4. TÊC IV

“Avaliar, para mim, tem a ver com tentar medir e mensurar o quanto alguém é capaz de expressar, através da própria prática, um conjunto de saberes que lhe foi apresentado”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O educador apresenta uma visão ainda **tradicionalista** do processo ao utilizar termos como: “medir” e “mensurar”.

5. Proposta de práticas inovadoras

Nesta parte, apresentaremos algumas das atividades desenvolvidas pelos educadores apontadas pelos educandos como motivadoras.

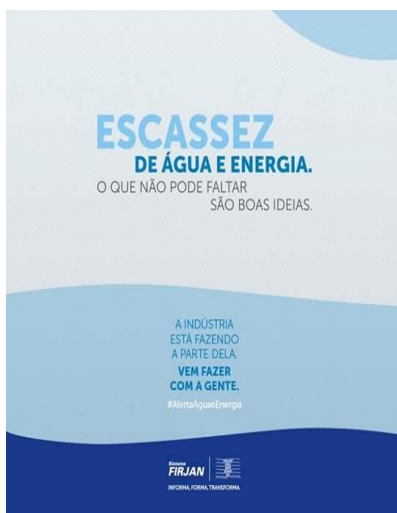
5.1. Filme

para ilustrar um conteúdo trabalhado das diversas áreas do conhecimento.

Os educandos sinalizaram o uso de filme para ilustrar um conteúdo dado seguido de um trabalho, a fim de refletir sobre o que foi assistido.

5.2. Youtube

Os educandos apontaram que o uso de vídeos de curta duração para ilustrar um conteúdo trabalhado contribui para a construção do conhecimento.



5.3. WhatsApp

Nas turmas do 3º ano, foi proposto o uso deste aplicativo a fim de verificar se os conteúdos trabalhados foram assimilados. Apresentaremos uma postagem para ilustrar o seu uso. Vejamos:

- Aspectos linguísticos a serem trabalhados gênero textual – acordo ortográfico – acentuação tônica

Como no primeiro bimestre um dos gêneros textuais a ser trabalhado e o panfleto, compartilhamos este com a temática da água para mencionarmos as características.

Os aspectos linguísticos revisados foram:

- acordo ortográfico de “ideia” cuja regra é ditongo aberto em palavras paroxítonas.

- a palavra “indústria” cuja classificação tônica pode ser proparoxítona – na visão tradicional – ou paroxítona – na visão contemporânea.

5.4. Participação em evento

Como os educandos criaram aplicativos e jogos, a coordenadora do curso Cristiane Sanches demonstrou interesse na participação do evento <http://www.simposiohipertexto.com.br/premio-hipertexto/>. Dessa forma, disponibilizei o link e os incentivei a se inscreverem no evento.

Neste ano de 2015, na Semana de Língua Portuguesa, os educandos de Programação de jogos apresentaram alguns esboços de aplicativos. No Dia profissional, os educandos do curso de Programação Ingrid Andrade, Luiz Fernando, Luiz Henrique e Pedro Dantas elaboraram um jogo chamado Labirintês. Segundo este time, os jogos são cada vez mais importante na educação. Há vários estudos os quais comprovam isso. A indústria de Games tem uma área específica para e-jogos educacionais, os *serious game*. Como já é perceptível no nome, os *serious game* são jogos voltados a ensinar, reforçar um conteúdo educacional ou até para treinamento profissional.

Labirintês segue a linha desses jogos. Com o intuito de sair da linha “pergunta e resposta”, os educandos tentaram “gamificar a matéria de português colocando uma história e uma finalidade para o jogo. Claro

que para chegar ao esperado, reforçar o aprendizado da língua portuguesa, foi preciso pesquisa”.

Segundo os criadores, a jogabilidade é simples. Pode ser usado tanto em computador ou em aparelhos celular, aumenta o público. A finalidade é descobrir o final do labirinto e salvar a língua portuguesa encontrando as respostas certas para as perguntas que aparecem na tela. A resposta está escondida no labirinto, o jogador deve encontrar a resposta e ir para a porta antes que o tempo acabe.

A justificativa da elaboração é por ser “um jogo por acreditarmos que eles podem mudar a educação e melhorar o aprendizado, mais que um aplicativo de organização de tempo ou de questões para serem respondidas”.

Eles acrescentam ainda que um jogo e/ou aplicativo “quando bem feito ele pode ser usado nas salas. Queremos a participação de docentes e alunos para melhorar cada vez mais nosso jogo e torná-lo mais acessível para as pessoas e as salas de aula”.

5.5. Possíveis temas da redação do Enem

Os links são disponibilizados e debatemos. Por exemplo, o da UOL: <http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/>

5.6. Dúvidas relativas à nota e / ou ao conteúdo

Muitas vezes, no grupo da Facebook e/ou no do WhatsApp como a divulgação do ebook **Itens de Análise Linguística no Novo ENEM e no SAERJINHO: Perspectivas** elaborado por nós a fim de aprimorar as diversas competências e as habilidades:

<http://www.lettras.ufrj.br/projetociad/>

6. Integração

Como a escola é integral e integrada, os conteúdos trabalhados pelas diversas áreas do conhecimento, constantemente, são integrados. Por exemplo, neste primeiro bimestre, um dos conteúdos trabalhado foi o gênero textual Manifesto. Eu como educadora de Produção textual – PT- orientei como elaborar um. O de Literatura leu e analisou os literários

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Verde e amarelo, Pau-Brasil, Regionalista.. e o de Filosofia explorou o Marxista.

Na prova bimestral de PT, propusemos a elaboração de um manifesto cujo tema foi livre com a temática de **Manifesto, logo existo**.

Na prova bimestral da escola – PI⁹¹ –

Integração com Filosofia – Sociologia – foram propostas questões como:

A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais. Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. (MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998, p. 42)

Do ponto de vista do modo argumentativo, é CORRETO afirmar que

I Há tese em “A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção”.

II A estratégia argumentativa é a da causa e consequência “por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais”. E de enumeração “Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes”.

III O termo destacado no trecho “sem revolucionar *incessantemente* os instrumentos” funciona como um advérbio cujo objetivo é demonstrar a posição do autor.

- (A) apenas I e II corretas
- (B) somente a III errada
- (C) I, II e III corretas.
- (D) apenas a I errada.
- (E) todas estão erradas

⁹¹ PI significa prova integrada realizada A avaliação bimestral do CEJLL/NAVE se chama Prova integrada. Ela é realizada em dois dias. São propostas 45 questões para cada dia cujo valor é de três pontos. A proposta da instituição é preparar o educando para o Enem. Dessa forma, propomos questões similares ao desse exame externo. Integramos com outras disciplinas do núcleo comum e/ou técnico. Por exemplo, no segundo bimestre de ano de 2015.

6.1. Integração geografia

No primeiro dia da prova integrada, foi proposta a letra da música “Ideologia”, de Cazuza, a fim de integrarmos com um dos conteúdos trabalhados pelo educador de sociologia. Depois das questões de língua portuguesa, a educadora de geografia propôs:

Meu partido é um coração partido
E as minhas ilusões estão todas perdidas
Os meus sonhos foram todos vendidos
[...]
E aquele garoto que ia mudar o mundo
Frequenta agora as festas do Grand Monde.
Meus heróis morreram de overdose
Meus inimigos estão no poder
Ideologia, eu quero uma para viver. (Cazuza e Frejat. Ideologia. 1988.)

Para retratar com precisão o processo de término da Guerra Fria na transição dos anos 80 para os anos 90 com a demolição do Muro de Berlim, Cazuza utiliza recursos expressivos como:

- (A) metáfora em “é um coração partido” e estrangeirismos “Grand Monde”.
- (B) eufemismo “aquele garoto” e estrangeirismo “overdose”.
- (C) hipérboles “heróis morreram de overdose” e “inimigos estão no poder”.
- (D) metáforas “ilusões estão perdidas” e “os meus sonhos”.
- (E) estratégia argumentativa da enumeração “meu partido”, “os meus sonhos” e “meus heróis” - metáfora em “é um coração partido” e estrangeirismos “Grand Monde”.

No segundo bimestre, propomos uma questão integrada com Biologia:



Considerando o tipo de texto, o ambiente e que o peixe menor se alimenta de plantas aquáticas, podemos afirmar que:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

(A) a charge tem valor argumentativo; o peixe maior poderá ser um consumidor secundário e o peixe menor, consumidor primário e ainda podemos afirmar que se trata de uma relação de predação.

(B) a charge tem valor descritivo; os dois peixes são consumidores primários e há uma relação de comensalismo entre eles.

(C) a charge tem valor apenas injuntivo; o peixe maior poderá ser alimento de uma ave e pertencerá ao segundo nível trófico na cadeia, constituindo uma relação de canibalismo entre eles.

(D) a charge tem valor argumentativo; apesar de não ser observado, temos as bactérias e algas como seres decompositores.

(E) a charge tem valor injuntivo; temos uma relação de parasitismo entre os peixes. Portanto, consideramos o peixe maior consumidor terciário e o peixe menor consumidor secundário.

Outra proposta integrada foi a elaboração de um editorial. Este trabalho integrado teve como objetivo desenvolver com os educandos do 1º ano um editorial para postar em um plataforma (link) criada pela educadora Roberta Fernandes da matéria Multimídias. Tem como planejamento o desenvolvimento das habilidades de leitura, produção de textos e apontar no corpo do texto uma intertextualidade com outros textos, utilizando hiperlinks. Com isso, garantimos uma integração dos conteúdos, com significação completa para os educandos. Para que percebam que não existe uma matéria isolada e sim um conhecimento de um todo harmonioso. Atribuindo mais valor à escola, tornando-a mais atrativa, uma vez que hoje eles têm se interessado pela computação e diversão tecnológico. Não há como separar do conhecimento da língua materna em uso para as diversas ocasiões.

A metodologia adotada é os educandos produzirem um texto de opinião de acordo com uma determinada regra: a passagem do discurso de modo espontâneo para um mais bem elaborado. Este como determina o formato de um editorial e variando conforme o público leitor. A supervisão da educadora da língua portuguesa permitiu a interdisciplinaridade das ações, para aprenderem ou responderem questões de sua vivência e se constituírem como autores da sua própria formação. A educadora de Multimídia impôs algumas regras para postagem do editorial.

As etapas do projeto foram:

- 1) a redação teria até 300 palavras;
- 2) criar hiperlinks para adicionar mais informações a matéria;

- 3) o trabalho seria acompanhado pelos professores de língua portuguesa na questão da tipologia e gênero textual, organização das ideias e revisão;
- 4) temas de livre escolha.

Após a entrega dos trabalhos, ocorreu uma reunião entre os educadores para avaliar os editoriais elaborado pelos alunos.

6.2. Atividades na biblioteca

Ao longo de 2014, propusemos de forma integrada com a educadora responsável pela Biblioteca Sandra Hoyer e o educador de Literatura (Edson Carvalho) atividades lúdicas na Biblioteca, a fim de verificar se os conteúdos trabalhados pelas disciplinas de língua portuguesa e de literatura foram devidamente construídos. Entretanto, mesmo assim, não estavam satisfeitos. Exibimos vídeos, filmes sobre a obra lida no bimestre (por exemplo, no primeiro, o Triste fim de Policarpo Quaresma).

Este ano de 2015, realizamos a dinâmica com adaptações. Vale destacar que, desta vez, a responsável pela Biblioteca é a educadora Alessandra Viegas e o educador de língua portuguesa, Edson, é da turma 3004 de Roteiro.

No primeiro bimestre, os conteúdos trabalhados foram: na área de Literatura, o Pré-Modernismo –as Vanguardas europeias e A primeira fase do Modernismo. E, na de Português, o gênero textual requerimento e manifesto, os verbos e concordâncias. Cabe ressaltar que, na área de Produção textual, aproveitou-se o requerimento de Policarpo Quaresma para se trabalhar a estrutura desse gênero textual e compará-lo com a do manifesto através da análise do Pau-Brasil e do Antropofágico.

Cabe ressaltar que o requerimento foi disponível no **WhatsApp** e no grupo de cada turma do Facebook (<http://www.analisedetextos.com.br/2011/06/exercicio-de-interpretacao-para-ensino.html>) para ser lido antes da dinâmica na Biblioteca. Enquanto isso, o educador de História Carlos Teles contextualizou a obra nas suas aulas. Na semana das atividades, foi solicitado que cada turma se dividisse em 4 times. Na Biblioteca, a dinâmica foi proposta assim:

- Organização dos times:
- Contextualização da obra pela agente de leitura Alessandra Viegas;

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- Cada time ficou responsável pela leitura de um fragmento do requerimento. Os educandos escolheram um representante para ser o Policarpo Quaresma;
- Distribuição das atividades por etapa. Foi dado um tempo (15 minutos) para a realização de cada uma;

As atividades propostas visavam verificar a expressão oral e conteúdos como sinônimo, aspectos verbais, dentre outros.

6.3. Semana de Língua Portuguesa

As experiências entre os educadores de Língua Portuguesa e a agente de leitura (também da área de Língua Portuguesa, Língua Grega e Literaturas) na Biblioteca têm sido gratificantes de muitas formas: as trocas de conhecimento e os trabalhos realizados resultam em maior interesse dos alunos pelo ambiente de leitura, através do incentivo pelas rodas de leitura e de um aumento expressivo de empréstimos de livros impressos.

Dentre as experiências que ocorreram ao longo do primeiro bimestre, tivemos a culminância de um trabalho com os alunos do terceiro ano sobre a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Nesta, os educadores Edson Carvalho, Renata Barcellos e a agente de leitura Alessandra Viegas uniram a apresentação da obra literária, a representação caracterizada (dramatização) pelos alunos do manifesto de Policarpo Quaresma, a distribuição de atividades sobre a obra para as turmas, que foram respondidas pelos educandos, distribuídos em quatro grupos. Essa distribuição tornou as atividades competitivas para eles. O que despertou positivamente em alguns uma participação muito mais efetiva do que aquela que acontece em sala de aula ao serem realizadas atividades.

Partindo dessa premissa, tivemos, a seguir, aulas com jogos trazidos pelos educadores e um jogo, em especial, criado pelo educador Edson Carvalho. O jogo possui um tabuleiro, peões e cartas de perguntas e respostas e versa sobre o uso da crase. O vencedor é aquele que mais acertou as respostas e chegou mais rápido ao seu destino. A dinâmica do jogo, agradável ao público adolescente, fez com que os educandos aprendessem de forma lúdica e utilizassem com muito mais correção a crase em seus textos próprios.

Na comemoração da Semana da Língua Portuguesa, realizada na segunda semana de maio, tivemos mais um desafio pela frente: elaborar

atividades que envolvessem educadores e biblioteca. Deu muito certo! Destacamos aqui pelo menos três experiências. Em primeiro lugar, o espaço de leitura tornou-se espaço de expressão criativa para os alunos: a educadora Priscila Dionísio utilizou o quadro branco, elaborando um Painel de Frases todo composto pelos educandos – trechos de músicas, de poesias, adágios populares, frases clichês com um novo formato, em manuscritos ou impressos, com ilustrações ou não. O trabalho final ficou exposto durante um mês para apreciação de todos. Outra atividade foi o **Varal de Poesia**, feito pelas educadoras Áurea e Elizabeth, também com uma proposta aberta de formato para a exposição de cada educando: ilustradas, manuscritas, impressas, coloridas ou monocromáticas. O Varal foi retirado da biblioteca para exposição nos corredores do colégio. No entanto, voltou e permanece em exposição permanente para apreciação de todos que vêm buscar livros ou realizar atividades na biblioteca.

Ao mesmo tempo em que a biblioteca se abriu à participação maior de educandos (o número de empréstimos cresceu em mais de 200%) e professores, a agente de leitura foi ao encontro dos educandos. Alessandra ministrou a palestra *Será que estou falando grego?* para as turmas de primeiro ao terceiro anos, apontando, através de vocabulário conhecido pelos educandos, quantas palavras praticamente transliteramos do grego em nosso vernáculo. A experiência trouxe grande interesse aos educandos, ao ponto de planejarmos uma oficina de língua e literatura gregas para o segundo semestre, bom exemplo de uma maior aproximação entre biblioteca e sala de aula.

6.4. Produção textual

para a prova de redação bimestral, têm sido propostos temas debatidos em outras áreas do saber. Por exemplo, neste primeiro bimestre, um dos conteúdos trabalhado foi o gênero textual Manifesto. A educadora de Produção textual – PT- orientou como elaborar um. O de Literatura leu e analisou os literários Verde e amarelo, Pau-Brasil, Regionalista.. e o de Filosofia / de Sociologia explorou o Marxista.

Na prova bimestral de PT, propusemos a elaboração de um manifesto cujo tema foi livre com o título **Manifesto, logo existo**.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

Na prova bimestral da escola – prova integrada⁹² –

Integração com Filosofia – Sociologia – foram propostas questões como:

A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais. Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. (MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998, p. 42)

Do ponto de vista do modo argumentativo, é CORRETO afirmar que

Há tese em “A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção”.

II A estratégia argumentativa é a da causa e consequência “por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais”. E de enumeração “Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes”.

III O termo destacado no trecho “sem revolucionar incessantemente os instrumentos” funciona como um advérbio cujo objetivo é demonstrar a posição do autor.

- (A) apenas I e II corretas
- (B) somente a III errada
- (C) I, II e III corretas.
- (D) apenas a I errada.
- (E) todas estão erradas

7. *Aula integrada com sociologia*

A aula consistiu nas reflexões dos educandos sobre o capítulo IV *Sabe com que está falando?* da obra *Carnavais, Malandros e Heróis* de Roberto da Matta e o livro *Lucíola* de José de Alencar. O nosso olhar se voltou para a construção da Nação e Identidade brasileira no Romantismo e as relações de poder entre diversos grupos sociais nos ritos da pós-modernidade.

⁹² A prova integrada é realizada em dois dias com questões das diversas áreas do conhecimento, estilo às do ENEM.

7.1. Dia profissional

Trata-se de um projeto integrado de Língua Portuguesa (Profa. Renata Barcellos) e de Projeto especial (Profa. Lídia Oliveira) no terceiro ano.

Objetivo: conscientizar os formandos para a importância do bom uso da linguagem não-verbal e verbal; da adequação da vestimenta; da elaboração da carta de apresentação e do cadastramento na rede social LinkedIn (<https://www.linkedin.com/home>).

A atividade é proposta no início do segundo bimestre. É a atividade na quarta-feira da Semana de Língua Portuguesa.

Antes da culminância do projeto, os alunos assistem a vídeos sobre mercado de trabalho, dividem-se em equipes; escolhem um projeto para apresentarem a uma banca (constituída de educadores do núcleo comum e técnico e de ex-alunos); analisam cartas de apresentação e aprendem a estrutura desse gênero textual.

Na quarta-feira da Semana de Língua Portuguesa, os educandos circulam pela escola com a vestimenta a fim de serem analisados se estão adequados para participarem de um processo seletivo;

Em cada horário da aula de língua portuguesa, dividida previamente em equipes, a turma apresenta projetos elaborados no curso técnico. Ao término de cada apresentação, a banca de educadores do núcleo comum e de seu curso técnico e ex-aluno, comentam a postura, a qualidade do produto etc.

7.2. Monitoria

Os educandos com baixo desempenho são convidados a participar do projeto sob orientação de um ex-aluno destaque na disciplina a ser revisada e sob supervisão do educador da área do conhecimento.

7.3. Café filosófico

Os educadores de filosofia, Daniel Gaivota e Cecília Oliveira propõem debates sobre temas variados.

8. *Considerações finais*

Com base na análise do corpus e na atual realidade (a tecnologia como ferramenta pedagógica), o educador que, outrora, na visão tradicional, era o detentor do saber e, por consequência, o transmissor do conhecimento; agora, está diante de um enorme desafio: o da ressignificação da sua prática pedagógica. Como trabalhar os conteúdos da sua área de atuação com o auxílio da tecnologia a fim de motivar o educando e, por consequência, construir conhecimento?

Antes, o educador entrava em sala de aula (somente), com as etapas bem definidas, como se pudesse prever tudo da forma a ocorrer. Hoje, ele pode (melhor dizendo DEVE) navegar a cada encontro em mares diferentes (locais de construção de conhecimento: museu – praça – biblioteca – laboratório etc.) ou nunca dantes navegados. Organiza a proposta (conteúdo – material), mas a orientação passou a ser individual (o ideal é PERMITIR que o educando seja PROTAGONISTA), pois cada educando mergulhará de forma e por caminhos diferentes para a construção do conhecimento. Dessa forma, O educador não tem mais o absoluto domínio da situação. Isso é modelo do ULTRAPASSADO. A tarefa é fácil? Não! Demanda COMPROMETIMENTO. Como? Alguns hábitos precisam ser adotados. São eles: realização de cursos e leitura sobre a nova abordagem da nossa área de atuação, os anseios do jovem do mundo contemporâneo, as propostas de uso da tecnologia como ferramenta pedagógica etc.; ou seja, capacitação constante para que formas inovadoras de avaliação da construção do conhecimento surjam.

O educador deve estar atento para o processo – para a travessia do rio – e não mais somente para o resultado – se ele chegou do outro lado do rio. O que utilizou para chegar lá? Fez o percurso mais simples? Teve dificuldades? Quais? Segundo Bohm (1980), a capacidade de perceber ou pensar de modo diferente é mais importante que os conhecimentos construídos. Para este autor, o mais significativo é o processo de conhecer.

A partir dessas breves considerações e da análise do *corpus*, este estudo nos propiciou um melhor entendimento de uma questão muito temida ainda: a avaliação. Compreendemos que não é mais meramente cognitiva, diagnóstica, mediadora etc. Hoje, é um guia orientador dos interagentes do processo educacional: educador e educando. Os dois são sujeitos da construção do conhecimento. O educando assim como o educador estão em crescente transformação.

Constatamos assim que os educadores do CEJLL / NAVE estão à procura de novas práticas pedagógicas. Pela análise realizada do corpo docente das diversas áreas de conhecimento e, a partir dessa, a categoria proposta, verificamos que ainda estamos navegando cautelosamente. Estamos por demais receosos de ousar por causa da cobrança de resultados das avaliações externas (como foi salientado por alguns educadores). NAVEGUEMOS, OUSEMOS, os resultados são consequências de boas tentativas de práticas inovadoras e motivadoras. Nada adianta propor novidades e essas não serem do agrado do perfil do nosso educando. Esse olhar observador de pesquisador é cada vez mais CRUCIAL para detectar o que propor.

A ausência de uma prática pedagógica condizente com as atuais orientações é uma barreira para a construção do conhecimento e, ousamos dizer, para a motivação do educando nesta instituição de ensino. Urge a mudança da percepção do que é avaliar (como verificamos na definição de vários educadores) e da metodologia adotada / da prática desenvolvida. Defendemos a ideia de que é possível inovar e atingir as metas (entrada no mercado de trabalho e ingresso na universidade) estabelecidas pelas parcerias Oi Futuro e Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de forma inovadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOHM, D. *A Totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Cultrix, 1980
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Entrevista concedida a Ana Lagôa, mediada por Juliana Cirne e editada por Ana Lagôa. Disponível em: <http://www.modusfaciendi.com.br/midia_entrevista.htm>.
- ESTEBAN, M. T. (Org.). *Escola, currículo e avaliação*. Série Cultura Memória e Currículo, vol. 5. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERNANDES, D. *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto, 2005.
- GADOTTI, M. *Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez, 1984.
- GOMES, S. *Tessituras docentes da avaliação formativa*. 2003. Dissertação (de Mestrado em Educação). – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- JORBA, J.; SANMARTINI, N. A função pedagógica da avaliação. In: ____; _____. *Avaliação como apoio à aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

LUCKESI, C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 2002.

MATUI, J. *Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino*. São Paulo: Moderna, 1995.

PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

POSTMAN, N. *O fim da educação*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002

PRENSKY, M. Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. *On the Horizon*. NCB University Press, vol. 9, n. 5, out. 2001.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *O espaço do cidadão*. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1998.

SILVA, Elaine Aparecida da. *Avaliação formativa por meio da tutoria por alunos: efeitos no desempenho cognitivo e no nível de satisfação dos aprendizes*. 2006. Dissertação (de Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_arquivos/4/TDE-2006-10-19T143205Z-325/Publico/Elaine%20%20Dissertacao.pdf>

SILVA, M. C. *A avaliação formativa e somativa: um estudo comparativo de seus efeitos no rendimento escolar na retenção das aprendizagens e na atitude do aluno*. 1979. Dissertação (de Mestrado de Educação). – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOUSA, Marcondes de. *Avaliação diagnóstica, formativa e somativa*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/avaliacao-diagnostica-formativa-e-somativa/40842>>.

TEDESCO, J. C. *O novo pacto educativo*. São Paulo: Ática, 2001.

VASCONCELLOS, C. S. *Avaliação concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo: *Cadernos Pedagógicos do Libertad*. vol. 3, 2000.

VIANNA, H. M. *Avaliação educacional: teoria, planejamento, modelos*. São Paulo: IBRASA, 2000.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. Laboratório de estudos e trabalhos pedagógicos em educação física. Rio Claro: UNESP, [1998].

_____. (Org.). *Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.